

espiritual” constitui um agravante em relação a procedimentos que, em si mesmos, já são arriscados?

Helena P. Blavatsky viveu no século 19, mas o seu pensamento parece estar mais atual do que nunca no século 21. E ela tem algo a dizer sobre este tema. Ela chama atenção para o fato de que a diferença entre a magia altruísta e a magia egoísta está, sobretudo, na meta, na motivação e na ética. O objetivo determina os meios. Eis a advertência feita por H.P.B. no ano de 1890:

“À medida que a preparação para o novo ciclo avança e os pioneiros da nova sub-raça aparecem no continente americano, os poderes psíquicos e ocultos latentes no homem começam a germinar e a crescer. Disso surge o rápido crescimento de movimentos tais como Ciência Cristã, Cura Mental, Cura Metafísica, Cura Espiritual, e assim por diante. Todos estes movimentos representam apenas diferentes aspectos do exercício destes crescentes poderes – que até agora não foram compreendidos, e portanto são com muita frequência mal usados, sem que haja qualquer conhecimento. Entendam, de uma vez por todas, que não há nada ‘espiritual’ ou ‘divino’ em *qualquer uma* destas manifestações. As curas realizadas por elas se devem simplesmente ao exercício inconsciente de poder oculto nos planos *inferiores* da natureza – normalmente no plano do *prana* ou corrente vital. As teorias contraditórias de todas estas escolas estão baseadas em uma metafísica mal compreendida e mal aplicada, e frequentemente em falácias lógicas grotescamente absurdas.”

H.P.B. prossegue:

“Mas uma característica comum à maior parte delas, uma característica que atrai um grande perigo, é a seguinte. Em quase todos os casos os ensinamentos destas escolas levam as pessoas a pensar que o processo de cura é aplicado à *mente* do paciente. Aqui está o perigo, porque qualquer processo deste tipo – por mais astuciosamente disfarçado que seja com palavras e escondido por expressões faciais inocentes – significa simplesmente a dominação mental do paciente. Em outras palavras, sempre que o curador interfere – consciente ou inconscientemente – na livre ação mental da pessoa que ele está tratando, isto constitui – Magia Negra. As chamadas ciências da “cura” já estão sendo usadas como meio de vida. Não vai demorar para que algum esperto descubra que pelo mesmo processo as mentes das pessoas podem ser influenciadas em muitas direções diferentes. Como a motivação egoísta de obter ganhos pessoais e dinheiro já se misturou com tais práticas, aquele que era “curador” pode ser levado insensivelmente a usar o seu poder para adquirir riqueza material ou algum outro objeto do seu desejo.”

E ainda:

“Este é um dos perigos do novo ciclo, agravado enormemente pela pressão da competição e da luta pela existência. Felizmente, novas tendências também estão aparecendo, e elas estimulam a mudança da base da vida diária das pessoas desde o egoísmo para o altruísmo. (.....) O que eu disse no ano passado permanece verdade, isto é, que a Ética da Teosofia é muito mais importante do que qualquer divulgação de leis e fatos psíquicos. Estas leis e fatos se referem inteiramente à parte material e passageira do homem setenário, mas a Ética é absorvida e guia o homem real – o eu superior reencarnante. Nós somos, externamente, criaturas de um único dia; por dentro, somos eternos.” [2]

É preciso levar em conta também as causas das doenças e as lições que elas trazem ao indivíduo. Em seus Escritos Reunidos, H.P. Blavatsky nos dá um argumento ainda pouco conhecido contra as chamadas “curas mentais”, e a favor das curas iniciadas por processos físicos. Ela explica que as doenças físicas não surgem por acaso. Elas são efeitos de fatos sutis. O ato de enfrentar as doenças físicas por métodos comuns, com auxílio de processos curativos iniciados no plano físico, produz um aprendizado. Nosso organismo aprende a reagir e a defender-se, e podemos refletir, durante o processo, sobre como nos relacionamos com a saúde, com a doença, e com a vida física como algo que é transitório. Quem já não percebeu que uma gripe forte é uma ocasião para que o corpo e a alma se renovem e aprendam algo com o período de recolhimento forçado? As curas “milagrosas”, ocorridas de fora para dentro, removem apenas os efeitos e os sintomas da verdadeira doença e da verdadeira imperfeição. O carma que deveria ser enfrentado e transmutado através da doença continuará sem solução, sendo apenas adiado para outra ocasião, talvez para outra vida. No final da década de 1880 a srta. Susie Clark, praticante de curas mentais, escreveu que não havia necessidade de os líderes teosóficos tomarem remédios, porque os recursos da cura mental eram infinitos. Em resposta, H.P.B. foi clara e abordou o conceito de “carma postergado”:

“Evidentemente, a srta. Clark não pensou que ‘os teosofistas notáveis’ usam remédios por causa de alguns efeitos do Carma sobre suas vidas, e devido às propriedades ocultas destes remédios. Aparentemente, ela tampouco pensou no que se chama de ‘Carma postergado’; nem que, talvez, devido a um excesso de atenção dada ao seu corpo, ela esteja colhendo um efeito agradável pelo qual, em vidas futuras, ela terá de pagar; e nem que, ao usar sua mente de modo tão estranho para curar seu corpo, ela pode ter removido suas enfermidades do plano material para o plano da mente...” [3]

Em seguida, H.P.B. menciona a arrogância e o orgulho como os primeiros sinais da transferência de uma doença física para o plano moral e mental. Desta afirmativa podemos deduzir que, entre outras coisas, certos desafios na área da saúde são necessárias lições de humildade em relação à vida física. Os cuidados com a saúde ensinam a alma a viver com mais atenção e simplicidade.

Assim, o conhecimento da lei do carma e da reencarnação nos permite lembrar que não há efeito sem causa, nem doença física sem uma imperfeição que a originou. A filosofia esotérica ensina a combater também a origem, e não só os efeitos do sofrimento. A medicina correta responde ao sofrimento físico no nível físico e vital, sem pretender eliminar artificialmente este sofrimento, o que faria apenas com que ele retornasse para o plano sutil de onde surgiu.

O mais correto é aplicar as medicinas físicas para combater os efeitos, e usar a teosofia – a medicina da alma –, para eliminar as causas do sofrimento. Para a filosofia esotérica, toda prática de “magia” com fins de ganho pessoal é pior do que inútil. Tampouco se admite, em teosofia, a busca do desenvolvimento artificial de siddhis inferiores. Só quando a arte de curar é um dom natural do indivíduo, e quando este dom é utilizado com total altruísmo, não existe um veto. Na carta 111 de “Cartas dos Mahatmas” (Editora Teosófica), um Mestre aprova em 1883 a realização de uma experiência de cura mesmérica. Nos primeiros anos do movimento teosófico, Henry Olcott, um colega de H.P.B., realizou curas magnéticas durante algum tempo, até receber ordens de interromper a prática. Estes eram os tempos pioneiros, e tais práticas eram feitas sob a supervisão de raja-iogues proficientes em ocultismo. Mais tarde começou a mistura de dinheiro e de interesses pessoais com tais curas. Em 1890, aproximava-se o final da missão de H.P.B. Era necessário alertar para o fato de que tais práticas começavam a cair nas mãos de pessoas espiritualmente

ignorantes, e o conhecimento passava a ser usado de um modo que acabava por aumentar o sofrimento.

Hoje, no Brasil, o que se faz na área das medicinas alternativas “sutis” está amplamente comercializado. E também parece inexistir um sistema estabelecido e eficaz de verificação da ética e da eficácia, especialmente nos casos de curas prânicas, reiki, passes magnéticos e práticas semelhantes. Por estes e outros motivos, a teosofia original recomenda evitar as “curas mentais” e demais formas de uso de poderes psíquicos inferiores. A filosofia esotérica autêntica ignora os “siddhis inferiores” – aqueles “poderes” que respondem a motivações do eu pessoal e dos seus interesses de curto prazo. A meta do estudante da filosofia teosófica é o contato ampliado com o seu próprio eu superior. Ele se concentra na calma expansão da sua consciência individual em direção à unidade consciente com as leis do universo. Este é o tesouro que está nos céus, e o resto lhe será dado por acréscimo.

A clara distinção entre as coisas ocultas que na realidade pertencem ao mundo inferior e as realidades ocultas que pertencem de fato ao mundo espiritual, constitui um ponto decisivo em teosofia. Em seu nível inferior, o mundo oculto ilude; em seu nível superior, ele liberta.

(Um Estudante de Teosofia)

NOTAS:

[1] Veja o antepenúltimo parágrafo do texto de HPB “**O Progresso Espiritual**”, na seção “**Helena Blavatsky**” de www.filosofiaesoterica.com. HPB também abordou com simpatia e respeito o tema da homeopatia em outros textos, estabelecendo uma relação entre esta prática medicinal e a alquimia.

[2] Traduzido do livreto “**Five Messages From H.P. Blavatsky To The American Theosophists**”, Theosophy Company, Los Angeles, 1922, 32 pp., ver pp. 26 e 26. O livreto reúne cinco mensagens mandadas por HPB aos teosofistas norte-americanos em quatro das suas reuniões anuais, em 1888, 1889, 1890 e 1891. Outra edição dos mesmos textos (com ilustrações e com um estudo histórico) é “**H.P. Blavatsky to the American Conventions - 1888-1891**”, T.U.P., Pasadena, Califórnia, 1979, 74 pp.

[3] Veja o volume X de “**Collected Writings of H.P. Blavatsky**” (TPH, Adyar, Índia, 1988), texto “**The Empty Vessel Makes the Greatest Sound**”, pp. 285-288, especialmente p. 287.

Nem Tudo que é Oculto é Espiritual Teosofia Descarta Siddhis Inferiores

Estudante A:

O que a teosofia diz sobre chacras?

Estudante B:

H.P. Blavatsky e os Mestres pouco ou nada ensinaram sobre chacras. A teosofia original ensina sobre os sete princípios, e a compreensão dos chacras fica implícita. Há poucas menções a kundalini na teosofia original, embora elas existam. O motivo deste silêncio sobre chacras é que a prioridade está no autoaperfeiçoamento interno, e evita-se a manipulação de energias que podem

ser sutis, mas não são espirituais. Os siddhis inferiores desviam do Caminho, como vimos no caso da pseudo-teosofia de Adyar.

Estudante A:

O que são siddhis inferiores?

Estudante B:

Siddhis inferiores são os poderes psíquicos (clarividência, telepatia consciente, clariaudiência, etc.), quando exercidos pelo eu inferior, nos planos inferiores de consciência e com objetivos do eu inferior. Quem não compreende que o ser humano tem duas almas – uma mortal e inferior e uma imortal e superior – tem pouca chance de superar o ocultismo inferior, com seus objetivos pessoais, financeiros, de orgulho, etc.

A alma imortal e altruísta, que não busca ganhos para si, é descrita lendariamente nas vidas de Buddha, Jesus e São Francisco de Assis, entre outros. Quem não adota o desenvolvimento desta consciência superior como sua meta, ou usa um discurso altruísta como fachada externa, não tem acesso às energias realmente espirituais. Algumas destas pessoas ficam fascinadas com o que chamam de “as energias”, e começam a manipular coisas que não conhecem. Mas a vida do eu superior nada tem a ver com tais malabarismos.

Estes temas “espetaculares” – chacras, clarividência, poderes – funcionam como meios de alimentar a vaidade “espiritual” e de parecer que se é mais evoluído do que outras pessoas. Ou como fogos de artifício para ganhar dinheiro.

Estudante A:

Isso me faz lembrar da passagem do Novo Testamento em que Jesus expulsa os mercadores do templo a golpes de relho. O trecho está em Mateus, 21: 12-13.

Estudante B:

O exemplo é correto. Por acaso nós poderíamos imaginar o Jesus dos Evangelhos cobrando pelas suas curas? Seria possível imaginá-lo multiplicando os pães e cobrando um “preço especial” por eles? O único personagem que ganhou dinheiro com os eventos narrados pelos Evangelhos foi Judas, e ele enforcou-se pouco depois de receber as suas 30 moedas. São Francisco de Assis expulsava terminantemente da sua “Ordem dos Frades Menores” quem sequer ACEITASSE dinheiro. Mahatma Gandhi nada tinha de seu. Os principais fundadores do movimento teosófico levaram vidas extremamente modestas.

O ser humano tem sete princípios. Todo o treinamento esotérico autêntico passa por reduzir as energias dos quatro princípios inferiores e colocá-las a serviço dos três princípios superiores. “É morrendo que se nasce para a vida eterna”, ensinou São Francisco. E, segundo a raja ioga oriental, não é sequer pensável para um discípulo, ou para um aspirante ao mais humilde grau de discipulado autêntico, buscar poderes psíquicos para si. Se ele porventura tiver algum poder, sem que o tenha buscado, não buscará tirar qualquer vantagem pessoal desse fato. Nem se menciona ganhar

dinheiro com isso. No entanto, obter dinheiro através de curas “espirituais” é a meta do Reiki, algo que H.P.B. qualifica, basicamente, de magia egoísta.

Cabe acrescentar algo do contexto brasileiro. O jornal mensal tablóide "Essência Vital", do RJ, publicou em sua edição de agosto de 2001 um texto de duas páginas de Franklin Matos intitulado "**Reiki: Verdades, Mentiras e a Ganância Humana por Muito Dinheiro!**" (pp. 10 e 11) O texto faz um inventário rigoroso e bem documentado sobre a queda ética vertical do reiki, transformado em meio de ganhar dinheiro facilmente, com “profissionais” misturando práticas e adotando procedimentos sem critério.

Estudante A:

Obrigado, isso é revelador. No entanto, sabemos que a saúde e a doença são amplamente astrais e em última instância incluem a relação da alma mortal com a alma imortal. Onde fica, então, a linha divisória exata entre “curas físicas” e “curas mentais”?

Estudante B:

Fizemos acima uma distinção entre “curas físicas” e “curas mentais”. Os médicos homeopatas explicam que a homeopatia produz a cura por um processo “quase material”. É interessante deixar claro que consideramos curas físicas aquelas curas iniciadas por um ato físico, como ingerir uma substância homeopática, ou qualquer outro ato físico; e que curas mentais são aquelas iniciadas por um ato mental do terapeuta.

Todas elas vão acabar atuando sobre o segundo princípio, prana. Porém, vale a distinção pela origem física ou mental. Um exemplo mais: há um ásana (um exercício) em ioga que é específico para estimular a vitalidade, ou prana, o segundo princípio. Mas é um ásana físico, evidentemente.

É claro que a saúde e a cura são temas inseparáveis da teosofia. A filosofia esotérica talvez possa ser definida como uma cura da alma mortal, provocada pela influência ampliada da energia positiva da alma imortal. A médio e longo prazo, a saúde da alma é um fator positivo para a saúde do corpo. Mas o mais importante é remover as causas do sofrimento.

Estudante A:

Hoje a ioga é popular. Qual é a posição da teosofia original em relação à Hatha Ioga?

Estudante B:

A “hatha ioga” indiana do século 19 é nitidamente criticada e condenada na literatura dos Mestres e de HPB. Porém, a hatha ioga indiana no século 19 se caracterizava pela retenção de respiração e pelo despertar dos siddhis inferiores. A “ioga” ou “hatha ioga” que se pratica hoje no Brasil é uma versão mais simples e ocidental da Hatha Ioga tradicional indiana, da qual fala HPB. Os ásanas em si (as posturas, a ginástica psico-física), fazem parte da Raja Ioga. Eles também são usados no Oriente na tradição da ciência esotérica, da qual faz parte da filosofia teosófica. Os Mestres que estão na fonte de inspiração interior do movimento teosófico autêntico são, na verdade, raja-iogues.

Assim, para efeitos de manter a saúde, não há problema algum em praticar a “ioga” simples e popular de hoje, entendida como ginástica com um grau de concentração mental, sem retenção de respiração e sem desenvolvimento das funções sensitivas do eu inferior. Um tal desenvolvimento seria prejudicial ao despertar prático da consciência do eu superior.

Os exercícios simples e moderados de ioga física são uma prática que desintoxica o corpo e a mente. Eles dão flexibilidade ao corpo físico e produzem um grau de autocontrole, colocando o corpo físico mais claramente a serviço do que realmente interessa. Os ásanas ou posturas físicas da ioga também são mencionados na obra clássica de Raja Ioga, os “Aforismos de Ioga” de Patañjali. H.P.B. sempre elogiou com ênfase nas páginas das suas revistas as boas versões dos Ioga Sutras de Patañjali. Vários colaboradores dela, entre eles William Judge, promoveram diretamente a publicação de versões da obra de Patañjali.

00000000000000

Para Investigar os “Poderes Latentes”

Os dois primeiros objetivos do movimento teosófico moderno são: 1) A formação de um núcleo da fraternidade universal; 2) O estudo das escrituras sagradas e filosóficas orientais. O terceiro objetivo do movimento é o mais interno, e talvez seja o mais complexo. Nos parágrafos iniciais do capítulo 3 de "A Chave para a Teosofia", H.P. Blavatsky descreve da seguinte maneira o terceiro objetivo:

“Investigar em todos os aspectos possíveis os mistérios ocultos da Natureza, e os poderes psíquicos e espirituais latentes no homem, especialmente.”

Aqui estão mencionados lado a lado os perigosos poderes “psíquicos”, do eu inferior, e os poderes “espirituais”, que são confiáveis porque pertencem ao eu superior. O terceiro objetivo do movimento propõe ir além das aparências e transcender o egoísmo “espiritualizado”, para alcançar gradualmente uma percepção do mundo em sua essência dinâmica e universal, que é oculta aos cinco sentidos e que o eu inferior não pode compreender plenamente.

Como se pode investigar de modo correto os poderes potenciais da alma humana, sem cair nas armadilhas do plano astral e ilusório? Uma chave, sugerida nas Cartas dos Mahatmas, parece estar em habituar-se primeiro a usar corretamente os poderes que já estão desenvolvidos. Entre os poderes que todo indivíduo tem a seu dispor e que deve aprender a utilizar corretamente estão:

- 1) O poder de buscar a verdade;
- 2) O poder de pensar e compreender;
- 3) O poder de querer e usar a vontade;
- 4) O poder de tomar decisões responsáveis em relação à vida;
- 5) O poder de falar e escrever;
- 6) O poder de ouvir a voz da sua própria consciência;
- 7) O poder de fazer o que diz a voz da consciência.

Não por acaso H.P. Blavatsky escreveu: “Antes de desejar, faça por merecer”.

À medida que administrarmos corretamente o que já está ao nosso dispor e o colocarmos a serviço de uma meta digna, o potencial positivo que ainda é latente se desenvolverá de modo natural. No caminho teosófico, este é o meio correto de avançar com segurança e vitoriosamente.

A Força do Pensamento

O Leme Que dá o Rumo à Vida

Pergunta:

Há inúmeras tendências dispersivas na sociedade de hoje. Como se pode ter uma vontade suficientemente forte para vencer os obstáculos e obter auto-domínio e paz interior?

Comentário:

É uma experiência comum para o estudante de teosofia que ele deseje elevar seu nível médio de consciência e tenha dificuldade. Ele tenta e falha muitas vezes. Em outras ocasiões, ele obtém resultados favoráveis. Apesar das vitórias, o progresso é mais lento e inclui mais altos e baixos do que o estudante gostaria. Sobre isso, W. Q. Judge escreveu:

“É verdade que um homem não consegue forçar a si mesmo imediatamente a ter uma nova vontade e uma nova crença, mas ao pensar muito sobre a mesma coisa ele em seguida obtém uma nova vontade e uma nova crença, e disso virá força, e também luz. Tente este plano.” [1]

De fato, o pensamento é o leme que dá rumo à vida. Se pensarmos constantemente no rumo desejado, o caminho se abrirá à nossa frente.

NOTA:

[1] "A Book of Quotations From W.Q. Judge", Theosophy Co., Mumbai, India, ver p. 2.

Um Paradoxo da Teosofia Original

O Auto-Sacrifício Leva à Felicidade?

A filosofia esotérica faz uma afirmação que é aparentemente contraditória. Ela afirma que o caminho para a felicidade é, na verdade, o caminho da renúncia às satisfações de curto prazo. Qual é a explicação deste paradoxo?

Por mais estranho que pareça, a fonte de sofrimento está no eu inferior. É dali que vem tudo que é incômodo. Quem renunciar ao eu inferior renuncia à fonte de dor. Quando faz isso, ainda que de modo imperfeito, o indivíduo passa a utilizar o eu inferior como instrumento prático para alcançar a felicidade nos planos da realidade em que a felicidade realmente existe, isto é, nos planos superiores

da consciência. Quando um estudante de filosofia observa o funcionamento deste processo em sua própria vida, ele consegue compreender melhor por que H. P. Blavatsky escreveu o seguinte em “A Chave para a Teosofia”:

“Todo verdadeiro teosofista tem a obrigação moral de sacrificar o que é pessoal para o que é impessoal, e seu próprio bem atual para o futuro benefício de outras pessoas.”[1]

Para ilustrar mais este ponto, vale a pena ler um trecho da edição brasileira da mesma obra, que foi trazido recentemente, por uma associada da Loja Unida de Teosofistas, aos estudos do e-grupo SerAtento. “A Chave Para a Teosofia” foi escrita em forma de perguntas e respostas, e nela vemos o seguinte diálogo:

“P: Sua posição não me parece muito invejável.

“R: E não é. Mas você não acha que tem de haver algo muito nobre, muito exaltado e muito verdadeiro por trás da Sociedade e de sua filosofia, quando os líderes e fundadores do movimento ainda continuam a trabalhar por ele com todas as forças? Sacrificam a ele todo conforto, toda prosperidade e sucesso mundanos, mesmo seu bom nome e reputação - e até a sua honra - recebendo em troca uma incessante maledicência, contínua perseguição e incansável calúnia, constante ingratidão e má compreensão de seus melhores esforços, golpes e bofetadas de todos os lados - quando simplesmente abandonando seu trabalho eles se livrariam imediatamente de toda responsabilidade e se escudariam de todo ataque posterior.

“P: Confesso que tal perseverança me parece estarecedora, e me pergunto o porquê de terem feito tudo isso:

“R: Acredite-me que não por gratificação pessoal; apenas na esperança de treinar alguns indivíduos para conduzir o nosso trabalho pela humanidade, conforme o programa original, quando seus fundadores estiverem mortos e se forem. Eles já encontraram algumas almas nobres e devotadas para substituí-los. As gerações futuras, graças esses poucos, encontrarão o caminho que conduz à paz um pouco menos espinhoso, e a estrada um pouco mais larga, e então todo esse sofrimento terá produzido bons resultados, e seu auto-sacrifício não terá sido em vão. No presente, o principal e fundamental objetivo da Sociedade é lançar sementes nos corações dos homens, que a seu tempo poderão germinar, e sob circunstâncias mais propícias conduzir a uma reforma mais saudável, que ofereça às massas maior felicidade do que até agora usufruíram.”[2]

Este é o desafio que está diante dos estudantes do século 21. E é necessário que cada um se aproxime do ideal em seu próprio ritmo. Devemos contemplar com calma o mistério da relação diretamente proporcional entre o completo total auto-sacrifício e a completa felicidade interior. A combinação entre estes dois fatores ocorre quando se está em um Caminho autêntico. Mas seu processo não pode ser forçado.

A vida de H.P.B. é um claro exemplo de como a felicidade interna é causada pelo sacrifício externo. E há os exemplos de Alessandro Cagliostro, de Giordano Bruno, de William Judge, de Robert Crosbie e muitos outros, incluindo milhares de trabalhadores anônimos pelo bem da humanidade. A vida do aprendiz é de certo modo a jornada do herói. O sexto princípio, buddhi, tem uma forte dimensão emocional, porque graças a ele ocorre a renúncia. Quando alma mortal decide seguir seu

mestre interno, o eu superior, ela faz a trajetória heróica do caminho das proações. Então o eu inferior abre mão da vida para si mesmo e coloca sua breve existência a serviço da lei universal. Assim, ele renasce em planos mais elevados de consciência.

NOTAS:

[1] "The Key to Theosophy", H.P.B., Theosophy Co., Índia, p. 280.

[2] "A Chave Para a Teosofia", de H.P.B., Editora Teosófica, Brasília, pp. 222-223.

Uma Questão Ética: Como Ajudar?

Digamos que um cidadão tem boa vontade em relação a todos os seres e deseja ter uma existência pessoal útil à evolução da vida. O que ele deve fazer? Ele deve ajudar os pobres, os doentes, os seus familiares, os amigos? Será egoísmo da parte dele levar uma vida contemplativa, estudar filosofia esotérica, e mesmo trabalhar pelo movimento teosófico? Estará assim abandonando "deveres éticos mais concretos e imediatos"?

A teosofia ensina – e nós podemos perceber através de uma atenção ampliada – que não há seres separados no universo. Não há coisa alguma isolada no universo. Há inteligência em todas as coisas, e todo ser ou objeto tem uma aura, uma dimensão radiante que o rodeia e está em contato dinâmico com os outros seres.

O que a teosofia original faz é mudar a aura do estudante. A atmosfera pessoal do teosofista passa a produzir em si os elementos causadores da paz interior.

Como se sabe, cada um dos sete princípios da consciência humana tem sete sub-princípios. Depois de algum tempo, a aura do estudante regular de teosofia passa a ter em si alguns sub-princípios abstratos mais ativos, que colocam em movimento a consciência transcendente.

Este tipo de aura ainda é pouco frequente. É uma aura pioneira. Por isso ela irradia sua influência com um alcance notável (assim como também capta energias probatórias com igual força).

Deste modo, através do seu exemplo, pela presença sutil da sua visão universal das coisas, o teosofista sério e dedicado influencia o mundo ao seu redor o tempo todo, de dentro para fora e não de fora para dentro. Ao fazer isso, ele é forçado a enfrentar de um modo ou de outro a ignorância coletiva acumulada. Frequentemente esta ignorância coletiva está amparada na rotina (da qual o estudante participa). Desafiá-la raramente é fácil, mas este é o caminho correto.

O contraste entre o que o aprendiz busca em seu interior e o que ele é obrigado a viver no mundo externo é probatório. Este é o grande e permanente teste da sua alma e graças ao qual a sua decisão de trilhar o Caminho se fortalece.

Neste processo ele cresce e se torna uma lâmpada – precária, mas ainda assim uma lâmpada – para outros seres ao seu redor. Ele faz isso através do seu exemplo, das suas ações, pela sua mera presença, e eventualmente por suas palavras.

